

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Veiluma da Imprensa Class.: 27

Data 03/11/89 Pg.: _____

190 Os mistérios da Paranapanema
De quase falida à prosperíssima

Helio Fernandes

Ninguém será capaz de contar a trajetória miraculosa da Paranapanema de alguns anos para cá. Seu diretor presidente Otávio Lacombe; seu maior acionista, o notório Zé Milionário; e o seu maior manipulador nas Bolsas, o também notório banqueiro e passador de cheque sem fundos, Ângelo Calmon de Sá, talvez pudessem explicar a história dessa mágica-maquívelica. Há poucos anos a empresa estava às vésperas da falência. Agora domina toda a Amazônia, está em toda parte, e gozando sempre de faustosos e generosos incentivos fiscais. Mas ainda quer mais, não se satisfaz com o que tem, com os privilégios que desfruta, enquanto o governo grita que é preciso acabar com incentivos, subsídios, privilégios de toda ordem, para reduzir o déficit operacional. Mas entre essas empresas não se inclui a Paranapanema, "filhinha querida" de todos os poderosos, e ainda assim querendo mais favores, como aconteceu na reunião do chamado "conselho" da Suframa, em 26 de setembro passado.

Nessa reunião, a Paranapanema requereu isenção do IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados), e mais outros favores, que na certa seriam concedidos, não fosse o voto do prefeito de Manaus, Artur Virgílio Neto. Cada vez mais voraz, um retrato em corpo inteiro de Zé Milionário, Calmon de Sá e Otávio Lacombe, a Paranapanema quer expoliar cada vez mais o cidadão-contribuinte-eleitor, ficar isenta de todos os impostos, se aproveitando da condição de poderosa, de dona de tudo, principalmente na região amazônica. Não fosse o prefeito de Manaus, que liquidou a Paranapanema em apenas 13 linhas, teríamos o contribuinte mais uma vez roubado. Vejamos o voto simples, lúcido, moralíssimo do prefeito de Manaus.

"A empresa não está sujeita ao IPI e a solicitação da sua isenção objetiva claramente que a Suframa reconheça como produto industrializado o mineral retirado de Pitinga. Com isto a empresa, como se verifica pelo projeto 054/89, transferiria de Presidente Figueiredo (fora da Zona Franca) para Manaus (dentro da Zona Franca), minério como sendo produto industrializado e por via de consequência e da legislação (art. 4.º e 49, I do Dec.-Lei-288/67) sem pagar IPI e ICMS. E ainda gerando crédito fiscal de ICMS em Manaus em igual valor ao que deixou de ser pago. Não havendo incidência de IPI - Imposto sobre Produtos Industrializados, e sendo o pleito da empresa a isenção de tal imposto, entendo estar prejudicada a solicitação, razão pela qual manifesto-me contrário ao pedido."

Esse é o voto que honra o prefeito de Manaus e desmascara a Paranapanema.

A Paranapanema, em todos os setores, é um verdadeiro caso de polícia. Por exemplo, e para não ir muito longe: é a empresa que tem mais processos trabalhistas na Justiça de Belém e de Manaus. A Paranapanema não liga para os direitos dos seus empregados, seus diretores exclamam a qualquer momento: "Podemos tudo, estamos acima do bem e do mal." Estarão mesmo? De qualquer maneira, estando ou não estando acima do bem e do mal, a Paranapanema consegue o que quer, sempre. Pressiona o governo para construir mais hidrelétricas, aeroportos, estradas, tudo favorecendo seus empreendimentos, e acumulando lucros e mais lucros para os seus acionistas majoritários ou manipuladores de Bolsas.

Até o ano passado, conforme levantamento do Cedi 90 (Centro Ecumênico de Documentação e Informação), a Paranapanema explorava minérios em sete reservas indígenas: Pari-cachoeira; Igarapen-preto; Tenharimitransamazônica; Kaiapon; Nhamundahi Mapuera; Yanomami e Waimiri Atroari. Precisamente na reserva Waimiri Atroari, norte do Amazonas, onde há poucos anos existia um dos mais importantes santuários ecológicos da Amazônia e enormes jazidas de cassiterita (estanho). A Paranapanema vem deixando rastros cada vez mais fortes de sangue e rapina na aérea.

Nessa reserva, os Waimiri Atroari foram primeiro sendo fustigados para abandonarem as aéreas de ocorrências minerais para que a Funai deixasse fora da demarcação as jazidas de estanho. A operação foi um sucesso para a empresa, para os índios significou um genocídio. Dois terços da população Waimiri Atroari desapareceram. Há poucos anos ainda existiam marcas de balas nas

árvores até que estas desapareceram completamente, inundadas pelo lago da hidrelétrica de Balbina, a poucos quilômetros da reserva Waimiri. Novamente muitos índios morreram, mais de 200 quilômetros quadrados de floresta foram arrasados e o rio Uatuma criminosamente morto. Segundo diagnóstico do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, a água ficou poluída e imprópria ao consumo humano. Constataram os pesquisadores, antes de recomendarem a retirada de centenas de ribeirinhos residentes nas proximidades da hidrelétrica. Embora o governo jamais tenha admitido, a construção de Balbina obedeceu a interesses exclusivos da Paranapanema (energia elétrica abundante) e principalmente o fim das corredeiras do Uatuma que impossibilitavam a garimpagem. A Paranapanema não gastou um tostão.

A hidrelétrica produz apenas 50 por cento da energia consumida por Manaus mas o desastre ecológico foi maior do que o produzido por Tucuruí, hidrelétrica no Pará, pelo menos cinco vezes maior. Agora a Paranapanema concentra seus esforços em duas outras frentes. A primeira: vencer a concorrência para a construção da rodovia que saindo de Manaus, passando por Roraima e percorrendo todo o território da Guiana, dará acesso aos mercados do Caribe e EUA a produtos da Amazônia (leia-se, aos da Paranapanema). No encontro de presidentes dos países amazônicos, em maio, em Manaus, a Construtora Paranapanema, uma das empresas dessa corporação, transitou com desenvoltura entre os chefes dos estados brasileiro e guiano. Coube aos próprios diretores da Paranapanema convocarem a imprensa e anunciarem a assinatura de um acordo bilateral entre os dois países para a construção da estrada. "Queremos construir a estrada que passa próximo a nossas minas e vamos participar da concorrência", disse com desfaçatez um dos diretores da construtora aos correspondentes em Manaus, durante o encontro. Cinismo, despudor, ganância, mas poder verdadeiro, a Paranapanema é quem manda em tudo, e sabe disso.

A outra frente visa a beneficiar a empresa mediante benefícios fiscais da Superintendência da Zona Franca de Manaus, alegando que industrializará o nióbio, minério estratégico da família do urânio, do qual o Brasil detém 90 por cento das reservas mundiais. A maioria desse nióbio está em terras entregues à Paranapanema. Ocorre que nessa frente começou a vazar água desde que o prefeito socialista de Manaus, Artur Virgílio Neto (PSB), pediu vistas a dois projetos da Empresa-Taboca, da holding Paranapanema. O prefeito alegou que um dos diretores é nada mais nada menos do que José Carlos Araújo, um dos implicados no golpe financeiro que explodiu as Bolsas. E também porque todos os projetos dessa corporação na Amazônia revelaram revoltante desrespeito ao meio ambiente. Tanto poderá surgir uma nova negociata na Amazônia como mais um crime ecológico. Aliás, crime ecológico, negociata, vandalismo, lucros exorbitantes e Paranapanema rimam perfeitamente, embora não pareça.

O prefeito Artur Virgílio Neto lembrou que há anos a Paranapanema é beneficiada por incentivos fiscais da Sudam (Sup. do Desenv. da Amazônia), sem nunca ter assumido sua parcela de responsabilidade social com o desenvolvimento da Amazônia. A Paranapanema só quer lucros e mais lucros e não pensa na comunidade.

Os protestos do prefeito e de movimentos ecológicos serviram pelo menos para denunciar ao país a forma impune como a Paranapanema evoluiu de uma situação pré-falimentar de alguns anos passados para a condição de uma das principais empresas do país. A julgar inclusive pela atração que exerce em megaspeculadores e manipuladoras nas bolsas de valores do Rio e São Paulo, nada prova que mais esses dois projetos antipopulares e contrários aos interesses da Amazônia deixem de ser aprovados. Índio para tanto já existe.

PS: Se faltar qualquer coisa, a Paranapanema providencia, pois a empresa está cada vez mais poderosa. Distante daquela Paranapanema quase falida. Hoje, depois de fazer a fortuna colossal de Ângelo Calmon de Sá, Zé Milionário e Otávio Lacombe, a Paranapanema finge até ser uma das grandes defensoras do meio ambiente. E todos acreditam. A começar pelo governo, que faz tudo o que a Paranapanema manda. Que República. HF